

Por uma sociologia política das emoções: ressentimento e protesto social conservador no Brasil

Towards a political sociology of emotions: resentment and conservative social protest in Brazil

Agnoletto, Bharbara Alves*

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil.
bharbara.agnoletto@gmail.com

Mayer, Ricardo**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil.
r.mayer@ufsm.br

Resumo

O artigo aborda, nos termos de uma sociologia política das emoções, um sentimento moral, qual seja, o ressentimento que plasmou o protesto social conservador que engolfou o Brasil na última década e que culminou na ascensão no populismo reacionário encarnado pelo bolsonarismo. Essa contestação social foi especialmente extravasada através das redes sociais virtuais na forma de uma ação conectiva. O material empírico que dá suporte à análise desenvolvida foi coletado utilizando um perfil na rede social Twitter a partir de uma amostra de 1615 tweets que foram coletados e categorizados com a utilização do pacote de análise de dados qualitativos RQDA da linguagem de programação R. Por fim, a argumentação desenvolvida no trabalho chega a duas conclusões, quais sejam: a) o ressentimento que insufla o protesto conservador no Brasil está relacionado ao medo pela perda de privilégios e distinção social por parte de setores das camadas médias em decorrência da implementação de políticas de natureza redistributiva durante os governos do Partido dos Trabalhadores na Presidência da República (2002-2016); e b) esse ressentimento está associado a uma sociodicéia conservadora que naturaliza e legitima a reprodução simbólica da desigualdade a partir das categorias de classe, gênero e raça.

Palavras chave: Protesto social conservador; Ressentimento; Sociodicéia; Populismo reacionário; Bolsonarismo.

Abstract

The article addresses, in terms of a political sociology of emotions, a moral sentiment, namely the resentment that shaped the conservative social protest that engulfed Brazil in the last decade and culminated in the rise of the reactionary populism embodied by Bolsonarism. This social protest was especially expressed through virtual social networks in the form of connective action. The empirical material that supports the analysis developed was collected using a profile on the social network Twitter from a sample of 1615 tweets that were collected and categorized using the RQDA qualitative data analysis package from the R programming language. Finally, the argument developed in the paper reaches two conclusions, namely: a) the resentment that fuels conservative protest in Brazil is related to fear of the loss of privileges and social distinction by sectors of the middle classes as a result of the implementation of redistributive policies during the Workers' Party governments in the Presidency of the Republic (2002-2016); and b) this resentment is associated with a conservative sociodicity that naturalizes and legitimizes the symbolic reproduction of inequality based on the categories of class, gender and race.

Keywords: Conservartive social protest; Resentment; Sociodicity; Reactionary populism; Bolsonarism.

* Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil; graduada em psicologia e psicanalista em formação; ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3269-3821>

** Doutor em Sociologia; Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5973-5947>

Por uma sociologia política das emoções: ressentimento e protesto social conservador no Brasil

Introdução

Afirmar que as emoções constituem uma dimensão fundamental para caracterizar a condição humana pode soar como um truísmo. No entanto, dada sua evidência e relevância, não se pode afirmar que as emoções tenham ocupado um lugar correspondente à sua importância na definição das condições de possibilidade da própria agência humana, especialmente no que tange à teorização sociológica desenvolvida desde os seus primórdios. Ainda, que tenhamos tido, por exemplo, nas obras de Durkheim, Weber, Simmel e Parsons¹ alguma menção ao papel desempenhado pelas emoções na vida social, guardadas as diferenças, esse tratamento sempre esteve subordinado à preponderância assumida pela ação racional considerando-se o espaço que cada um desses autores atribuía à agentividade nos seus empreendimentos teóricos. Sem embargo, na sociologia contemporânea, os possíveis contornos de um *“emotional turn”* serão esboçados, paulatinamente, primeiramente em um registro microssociológico com a atenção dispensada às emoções por autores como Erving Goffman (2011)², Theodore D. Kemper (1978), Arlie Russell Hochschild (1983), Thomas J. Scheff (1990) e Randall Collins (2004). Na mesma medida, posteriormente, podemos verificar o mesmo através da recepção tardia da sociologia figuracional de Norbert Elias (2010) com a sua articulação teórica entre o desenvolvimento das

1 Não podemos deixar de mencionar a preocupação de Durkheim (1996) com o estatuto das emoções na explicação sociológica, especialmente, as emoções que subjazem aos períodos de efervescência social, a atenção de Weber (2008) dedicada às emoções em sua teorização sobre a racionalidade da ação, bem como de Simmel (1978) à presença das emoções nas interações nas formas de sociabilidade, e, por fim, o próprio enfoque de Parsons (1999) sobre as emoções que se define com mais clareza a partir de sua apropriação da noção freudiana de catexia para teorizar os processos de socialização.

2 Sobre a contribuição de Goffman para o desenvolvimento de uma sociologia das emoções, ver Jacobsen (2022).

estruturas sociais e o desenvolvimento das estruturas psíquicas na escala temporal da longa duração³. Mais recentemente, outros registros macrossociológicos também enfocaram a relação entre estrutura social e as emoções, dos quais podemos nos remeter aos trabalhos de autores como, Jack Barbalet (1998), Eva Illouz (2007), Cas Wouters (2007) e Christian Von Scheve (2014)⁴. Não obstante, para além da menção a estas elaborações teóricas, nos deparamos atualmente com uma sociologia das emoções em franca expansão e já consolidada como subcampo disciplinar da sociologia⁵. Com efeito, temos ainda importantes referências nos trabalhos de Mauro Koury (2003; 2014) e Adrián Scribano (2013; 2020), que concorreram para que os estudos sobre as emoções alcançassem seu reconhecimento como objeto de estudo legítimo no campo científico configurado pelas ciências sociais latino-americanas.

Esses empreendimentos somados tem estimulado, aos poucos, o surgimento de novas frentes de investigação explorando dimensões do

3 Não obstante, se considerarmos as datas de publicação das primeiras edições da *“Sociedade de Corte”* e do *“Processo Civilizador”* respectivamente, em 1933 e 1939, encontramos em Norbert Elias (2010) um verdadeiro pioneirismo na tematização das emoções ao incorporar o pensamento freudiano na sua teorização sociológica.

4 A menção a estes autores, obviamente, não constitui um levantamento exaustivo da literatura dedicada à uma sociologia das emoções, mas apenas a remissão a alguns autores consagrados neste subcampo teórico-disciplinar.

5 Encontrando sua tradução institucional, por exemplo, em redes de investigação albergadas na *International Sociological Association* e *European Sociological Association*, ou na (European Sociological Association's (ESA) Research Network on Sociology of Emotions (RN11), bem como na existência de periódicos científicos especializados nesse domínio temático, tais como: *Emotions and Society* (<https://www.ingentaconnect.com/content/bup/eas>); *Emotion Review* (<https://journals.sagepub.com/home/emr>) e a *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad* (<http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces>).

mundo social fortemente impregnadas de conteúdo emocional, tais como a ação coletiva e o protesto social. Nestes termos, na possível confluência entre uma sociologia da ação coletiva e uma sociologia das emoções, a presença dos afetos na definição das condições de possibilidade do protesto social já foi constituída como objeto de análise (Runciman, 1966; Gurr, 1971; Aminzade & McAdam, 2001; Goodwin et al., 2001; Ost, 2004; Clarke et al., 2006).

Nesse sentido, iremos explorar nesse trabalho a interface acima referida nos detendo em uma emoção socialmente construída (Turner & Stets, 2005), tal como o ressentimento, um sentimento moral decorrente do cruzamento entre afeto e moralidade para caracterizar o surgimento de um protesto social conservador que concorreu na última década para a ascensão e fastígio no país do movimento político encarnado pelo bolsonarismo. A última década no Brasil foi marcada pelo acirramento de uma contestação social que teve com seu corolário a emergência deste populismo reacionário (Lynch e Cassimiro, 2022). Essa contestação social foi em grande medida extravasada através das redes sociais virtuais na forma de um novo modo de ação coletiva que autores como Bennett e Segerberg (2013) qualificam como ação conectiva. Dessa forma, as redes sociais se constituíram na principal mídia utilizada para expor topo tipo de ruminções rancorosas produzidas por um desconforto em relação à mudança social verificada no país no último decênio, especialmente o tipo de mudança que implicou na mitigação das desigualdades. O material empírico que dá suporte à análise desenvolvida nesse artigo foi coletado utilizando-se um perfil na rede social Twitter criado para esse propósito. Essa ação foi realizada na tentativa de moldar o algoritmo, de modo que quando as categorias fossem buscadas, os tweets desse público aparecessem primeiro e em maior quantidade. Para alimentar o algoritmo de modo a aparecerem nas pesquisas postagens do público em questão foram seguidos perfis que tinham em sua descrição a categoria conservador(a). Van Djick, Poell e Waal (2018), esclarecem que cada rede social tem algoritmos, ou seja, uma lógica própria, que por sua vez, dará mais ou menos relevância a um conteúdo segundo sua adequação aos parâmetros que definem a elaboração do algoritmo. Dessa maneira, um assunto pode estar sendo amplamente discutido no Facebook e não aparecer a quase nenhum usuário no Twitter, ainda que os usuários estejam fazendo postagens em ambos os lugares. Isso quer dizer que não há neutralidade no destaque das postagens e salienta a necessidade de haver sido criado um perfil para a pesquisa. Além disso, é importante ressaltar

que os mecanismos das plataformas variam segundo uma complexa variação entre tecnologia utilizada, modelos econômicos vigentes e práticas específicas. O próprio site possui um mecanismo de busca avançada bastante amplo, e foi a partir dele que a busca pelas postagens foi realizada. É possível procurar por palavras, separando-as com aspas ou então uma frase inteira. Também é possível excluir palavras de uma busca e procurar por *hashtags* (#). Nesse sentido, a delimitação do material empírico foi orientada tão somente pelo recorte via palavras chave / *hashtags*, sem delimitação geográfica. Assim, a pesquisa teve dois momentos de busca. No primeiro foi utilizada a busca “*all of these words*”, uma de cada vez, as palavras “comunismo”, “pt”, “conservadorismo”, “esquerda”, “Marielle”, “pobre”, “petralhas”, “quadilha do pt”, “mimimi”, “mortadelas” e “mamata”. Também foi utilizada a busca de *hashtags*, uma de cada vez, sendo elas: #somostodosgolpitas, lançada em 2016 para comemorar o impeachment de Dilma Rousseff e apoiar Michel Temer, #foradilma, #foraPT, #vemprarua, #imaginaseadilma, #tchaudilma, #bolsonaro2018, #bolsomito e #apoiequemteprotege. Ao mesmo tempo, foi utilizada a delimitação temporal também disponível na busca avançada.

Na busca por palavras, foi delimitado o tempo de um mês para cada busca. Por exemplo, a palavra comunismo teve ao todo 48 buscas, janeiro de 2016, depois fevereiro de 2016, e assim sucessivamente. As *hashtags*, por sua vez tiveram a delimitação temporal de um ano, resultando em quatro buscas para cada uma. Ao todo, foram encontrados 1615 tweets que foram arquivados e categorizados com a utilização do pacote de análise de dados qualitativos RQDA (HUANG, 2018) da linguagem de programação R. A linguagem R é uma forma de programação desenvolvida por estatísticos australianos, para o desenvolvimento e armazenamento de dados de diferentes tipos de pesquisa. O código está disponível no site da “*R Foundation*”, bem como diferentes pacotes desenvolvidos pela comunidade acadêmica para uma ampla gama de investigações de natureza quantitativa e qualitativa. O recurso ao RQDA para a realização da análise qualitativa foi feito através da utilização do software RStudio (RSTUDIO, 2020). Através do RQDA os tweets foram classificados com categorias como “machismo e misoginia”, “ideologia”, “antipetismo”, “anticomunismo”, “discurso de ódio”, “teorias da conspiração”, “ressentimento”, “bolsonarismo”, “ultranacionalismo”. Além disso, é importante ressaltar que os usuários do Twitter podem escolher duas maneiras de estarem na rede social no que diz respeito à privacidade. Uma das opções é o perfil privado, que permite que apenas

os seguidores desse usuário vejam suas postagens. A outra opção é um perfil público, onde as postagens podem ser vistas nas buscas.

As postagens encontradas e utilizadas no trabalho são todas de perfis públicos e aparecem aqui sem os dados de quem as publicou. Isso se dá pela grande quantidade de postagens encontradas, o que tornaria inviável pedir autorização do uso a cada um. Mais do que isso, esse trabalho não avalia as postagens do sujeito, nem os categoriza de forma individual. Há o propósito de analisar as hierarquias de valor, a presença de sentimentos morais e explorar a lógica conservadora e bolsonarista como um todo, desfocando o usuário e centrando-se na forma de pensamento disseminado. Além disso, foram escolhidas publicações que demonstrassem serem de pessoas reais e não de robôs. Foi possível perceber a diferença não apenas pelo fato de que nos perfis reais geralmente há identificação maior do que nos perfis falsos, mas também porque as publicações feitas por robôs são completamente iguais. Então ao pesquisar uma categoria, em um espaço de tempo, era fácil perceber um montante considerável de postagens completamente iguais e elas foram ignoradas.

Na primeira seção deste artigo será feita a qualificação teórica do conceito de ressentimento, a partir de sua elaboração na filosofia por Nietzsche, desdobrando-se na sua recepção na teoria sociológica clássica e contemporânea e culminando, em sua segunda seção, na diferenciação do conceito através de suas formulações em inglês e francês, *resentment* e *ressentiment*, respectivamente, que correspondem à dois entendimentos sobre o sentido que a ação individual e coletiva pode assumir face ao conflito social. Por fim, na última seção, analisamos as dimensões simbólicas que o ressentimento a partir do material empírico acima descrito em uma sociedade onde o princípio da igualdade formal preconizado institucionalmente é continuamente contestado pela persistência de múltiplas desigualdades. Assim, talvez a melhor forma de caracterizar disciplinarmente o objeto de análise do presente trabalho, seja pensá-lo como a proposição de uma sociologia política das emoções, conforme mesmo a formulação de Demertzis (2020).

O ressentimento como sentimento moral

Friedrich Nietzsche foi um dos filósofos que mais se debruçou sobre o tema em muitos momentos de sua obra, mas principalmente no livro intitulado “Genealogia da Moral”. Na obra referida, o filósofo vai se propor a descobrir como as ideias de bom e

mau, bem e mal, se modificaram ao longo do tempo. Entretanto a contraposição que aparece na obra do autor não é o bem contra o mal, mas sim os fracos contra os fortes. Ou seja, há os indivíduos que desejam e aqueles que se submetem. Nesse sentido, a moral do mestre foi substituída pela moral dos servos, esta, por sua vez, tem o próprio ressentimento como criador de valores. O ressentimento, então, está ligado a um não conseguir agir, uma impotência. Logo, o sentir-se fraco e a incapacidade de responder ao agressor é o motivo que Nietzsche caracteriza como “qualidade dos escravos” o que torna o ressentimento uma característica dos fracos. Além disso, para Nietzsche, a memória é uma espécie de doença e o ressentido, por sua vez, sofre da memória reiterada do agravo que acredita ter sofrido, como se estivesse impedido de esquecer, ao mesmo tempo em que sua reivindicação ressentida se trata de uma demanda dirigida ao rival de que ele não seja forte. Por fim, o sofrimento do ressentido advém da inveja criada pela percepção de que os “fortes”, ou seja, aqueles que não recuam diante da vida, vivem, ao contrário dele, e não se reconhece como responsável por seu prejuízo (Nietzsche, 1887/1998).

É claro que além das questões psíquicas, como o sentimento de culpa e o masoquismo, explorados pelo filósofo, em relação ao ressentimento, ele também percebe o Estado como um ator importante. Para Nietzsche, o Estado coloca o homem sob a sua tutela, transformando-os em seres ativos e culpados, ao exigir que renunciem seus instintos vitais em troca de proteção. A civilização, ou seja, a interiorização dos mais primitivos instintos de dominação e destruição, passam a se voltar contra os próprios homens gerando culpa e má consciência e justamente aí que a moralidade encontra um espaço fértil para a sua disseminação e o entendimento do autor de que não existe verdade filosófica que não dependa de alguma moralidade. Além disso, a moralidade é considerada por ele uma invenção dos derrotados. O grande exemplo que ele desenvolve está na moralidade cristã, já que esta prega que a ideia de bem está do lado de quem sofre e é fraco, e o mal, do lado dos fortes. É como se existisse, então, uma espécie de “vingança espiritual”, já que o ganho por estar situado no lado do bem estaria no além morte (Nietzsche, 1886/2003; Nietzsche, 1887/1998).

Deleuze (1976) explora a noção de ressentimento em Nietzsche, ampliando a noção deste conceito. Para o autor o ressentimento acontece quando as forças reativas se tornarem preponderantes às forças ativas, isso quer dizer que o homem do ressentimento não reage, e a reação

que deveria ser possível torna-se sentimento. Além disso, o autor faz a interlocução entre psicanálise e filosofia ao perceber que tanto para Freud quanto para Nietzsche, a fonte de sofrimento do ressentido seria justamente a memória e que para ambos diz respeito a duas memórias, uma consciente e outra inconsciente. A memória a qual se liga o ressentido diz respeito a primeira, e que o coloca em uma posição de almejar por uma vingança, já que não consegue esquecer-se de nada. Diz Deleuze (1976, p. 76) que a vontade de vingança tem grande relação com a não capacidade de ter reagido perante um agravo, independentemente do montante de energia que esse fato possa ter gerado no indivíduo. Ou seja, o ressentido é alguém que não reage, ao mesmo tempo em que culpa o mundo por seu prejuízo, mantendo-se em uma ruminação rancorosa que ataca o objeto em questão. Mais do que isso, como explica o autor, a vingança para o ressentido não é uma meta, mas sim um meio. Há uma vontade de vingar-se, e o ressentimento sentido é a revolta propriamente dita e o triunfo dela, ou seja, é a vitória do fraco enquanto fraco. Além disso, a ruminação rancorosa que contém a imputação de erros a outros, a distribuição de responsabilidade e as acusações perpétuas tomam lugar da agressividade que faria com que o sujeito agisse. Porque ele considera o seu ganho subjetivo um direito, e por tirar proveito de suas não ações, o que o ressentido consegue fazer é disseminar seu rancor em forma de reprovações, entre outras.

Max Scheler (1993), por sua vez, é o autor que faz com que “ressentimento” adquira status de conceito, ao mesmo tempo que desenvolve suas ideias partindo de uma crítica à Nietzsche e à noção do filósofo alemão acerca da moralidade cristã. Para Scheler, a moralidade cristã vinha sendo substituída pela moralidade burguesa tendo seu ápice na Revolução Francesa em 1789. Entretanto, o autor reconhece que os preceitos da moral cristã são bastante suscetíveis ao ressentimento. Em suma, o ressentimento seria então uma experiência de auto envenenamento psíquico, onde há uma sede de vingança jamais satisfeita e que por esse motivo se torna reprimida ao mesmo tempo em que cria a sensação de impotência, resultando em uma distorção de valores e na capacidade de construir julgamentos. Além disso, bem como para Nietzsche, a inveja e a competição também podem ser fontes primárias do ressentimento. A novidade em Scheler encontra-se em sua análise sobre a paixão, que proporciona um maior entendimento acerca o ressentimento político ou econômico, que escolhemos chamar nesse trabalho como “ressentimento de classe” (Fantini, Moruno & Moscoso, 2013).

A estrutura social promove e perpetua o ressentimento, ou seja, quanto mais democrática e igualitária for uma sociedade, menor será o ressentimento. Entretanto, ele percebe que em uma sociedade onde o discurso estabelece uma igualdade de direitos que não se efetiva na prática, tendo poder, educação e riqueza desiguais, o ressentimento ainda é sempre algo notável. “La sola estructura social — prescindiendo enteramente de los caracteres y experiencias individuales — implica aquí una poderosa carga de resentimiento” (Scheler, 1993, p. 21). Em relação à democracia, existe neste autor uma diferenciação importante entre *democratism* e *democracy*. *Democratism* seria uma convicção social de que uma maioria destacada de todos os grupos sociais existentes em uma sociedade, determina seus valores e normas. *Democracy*, por sua vez, descreve o partido onde aqueles que fazem parte, decidem comprometerem-se em aumentar a igualdade e a equidade social com foco em um estado de bem-estar social. Entretanto, isso se faz de diferentes formas, considerando a influência das diferentes culturas, embora o foco final seja a busca por uma diminuição da desigualdade social (Fantini, Moruno & Moscoso, 2013).

Scheler (1993) também desenvolve a ideia de “sistema de concorrências”, que seria a consciência de uma suposta inferioridade que estabeleceria também o ressentimento, impossibilitando uma conduta ativa. Mais do que isso, esse sistema mobiliza certas reivindicações de conquistas que deveriam acontecer de forma meritocrática, expondo parte dos valores da sociedade do mercado. Dentre as consequências encontradas por ele está a desestabilização da ordem social, por estabelecer uma certa mobilidade permanente e sem fim, onde o tempo de cada um, indivíduos e grupos sociais, é capturado pela ideia de progresso. Há também a criação de uma insatisfação constante, que perpetua justamente a lógica capitalista de mercado, e por fim, a última consequência seria a transformação de tudo que existe em mercadoria, ou objeto de troca. Essa é justamente a razão de ser do espírito capitalista.

Max Weber, por sua vez, também se debruçou sobre a questão do ressentimento na sua sociologia das religiões. Segundo Tuinen (2011), o sociólogo parte de um conceito chamado “teodiceia dos desprivilegiados”, que seria a fonte do ressentimento, no caso dos judeus e que diz respeito a um sentimento de ausência de autenticidade e merecimento entre os desprivilegiados. Entretanto, Weber considera essa uma característica não apenas dos judeus, mas também de grupos religiosos e seculares. Apesar

disso, Tuinen (2011) na teorização weberiana em torno da chamada “teodiceia dos desprivilegiados”, fonte do ressentimento, não é enfatizada a relação de impotência que envolve o ressentimento, mas as relações de dominação e o conflito social entre os grupos de status. É por esse motivo que em “A sociologia da religião”, Weber (1966) sugere que o ressentimento é uma consequência da oposição entre não privilegiados contra a classe dominante, onde a ideia de uma ilegalidade de privilégios é entendida como causa da desigualdade. É interessante perceber que o ressentimento não aparece em qualquer religião, estando ausente, por exemplo no hinduísmo e no budismo, segundo o autor, porque essas religiões têm o entendimento de o que o sofrimento é causado por si mesmo, em função de suas atitudes, o que produz uma certa interlocução com o pensamento nietzschiano e suas relações entre ressentimento e a moral cristã. Tuinen (2011) considera a hipótese de que há presença de ressentimento no budismo em relação à entrada das mulheres na religião, que ele chama de feminização do budismo, pois significaria uma certa perda de poder para os homens, e em relação aos leigos e analfabetos, tendo como oposição os monges educados e de vida contemplativa. De qualquer maneira, o que fica exposto nessa hipótese é justamente a lógica operada pelo ressentimento nas dinâmicas que se estabelecem entre os grupos sociais. É possível entender, então, que o ressentimento na sociedade contemporânea está associado diretamente à diferenciação nas relações hierárquicas de status. Alinhado a isso está a lógica capitalista caracterizada pelo primado do consumo, já que o ter e a exibição de riqueza e status se constituem como caracteres de distinção, que podem passar a causar naqueles que antes detinham exclusividade de acesso desses bens, profundo ressentimento pela classe considerada “inferior”. Isso pode ser chamado de mercantilização da vida cotidiana em que tudo, inclusive o sujeito, torna-se uma mercadoria (Tuinen, 2011; Turner, 2014).

Elias e Scotson (2000) contribui com a discussão teórica acerca do ressentimento explorando o problema da identificação, mais especificamente, nas situações socio-históricas nas quais algum tipo de estigma é transmitido de uma geração à outra. Desta forma, nos encontraríamos diante de uma herança ressentida de populações historicamente marginalizadas que identificar-se-iam à posição de seus antepassados aviltados por uma variedade de modos de reconhecimento denegado, conforme a caracterização de Emmanuel Renault (2004, p. 206). Essa teorização de Elias também descreve o

caso alemão (Elias, 1997), onde ele demonstra que imagem que os alemães construíram de si mesmos estava pautada em um ideal que não se fazia real, mas que concorria para que o orgulho nacional de seus cidadãos fosse contraditório e tivesse suas flutuações. O ressentimento, unido a outros sentimentos como o de inferioridade e a sensação de humilhação existiam paradoxalmente com a ênfase dada em sua grandeza e poder, principalmente depois de 1871, e essa lógica, segundo o sociólogo, permanece similar após as guerras no século XX. Identificação e ressentimento se entrelaçam, já que ambos dizem respeito a uma adesão de pensamento, sentimento e ação nacionalista, desenvolvendo um comportamento de servidão em relação ao líder com o qual se identificam. Esses líderes, por sua vez, disseminam ideias nacionalistas, moralistas, defendem idiosincrasias e antagonismos em relação a povos estrangeiros, produzindo a ideia de que o outro é um inimigo que precisa ser eliminado (Elias, 1997).

Barbalet (1992) por sua vez, define ressentimento como uma percepção emocionada de vantagens que não aparentam ser merecidas. Essa noção, afasta-se da de Nietzsche e inclui a dimensão das relações de classe, tais quais disserta T. H. Marshall. Sobre o conflito de classes, Marshall (1938), entende que o antagonismo entre classes é uma forma de ressentimento contra a desigualdade. Isso é dizer que os privilégios de algumas classes produzem uma desigualdade de oportunidades o que por consequência levam à frustração e mais profundamente ao ressentimento. O ressentimento de classe para esse autor, portanto, colocaria a responsabilidade do sentimento de injustiça sentido por um grupo ou classe social, a alguém de uma classe superior que possui privilégios.

Nesse sentido, Barbalet (1992) demonstra que a classe trabalhadora com frequência apresenta uma dualidade em seu senso coletivo e sua noção individual. Ele assevera que ao mesmo tempo em que esses homens são bastante voltados ao coletivo, sentem-se desvalorizados e não reconhecidos por seus sacrifícios em sua posição social. O autor entende que embora a origem desse tipo de ressentimento sejam as relações de classe, também é necessário que o sujeito tenha uma certa disposição psíquica para tanto, e que envolvem sentimentos de culpa. Além disso, o autor percebe que esse ressentimento não produz ações coletivas ou protestos políticos. Turner (2014), diz que além do conflito entre classes, o fato de na atualidade existir menor solidariedade comunitária, o declínio dos sindicatos, a precarização do mercado de trabalho, as desregulamentações nas

relações trabalhistas, e os processos de globalização, resultam em classes trabalhadoras menos organizadas politicamente e de alguma maneira mais propensa a se deixar seduzir pela retórica da extrema direita.

A distinção conceitual entre *Ressentiment* e *Resentment* e as frustrações relativas

O ressentimento é o sentimento moral complexo e para dar conta dessa complexidade, Mutzer e Musolf (2002), acreditam ser de grande relevância a diferenciação de sentidos assumidos pelo ressentimento no âmbito de sua teorização. Dessa forma os autores distinguem o sentido específico correspondendo-o com o vocábulo em inglês *resentment*⁶ e o sentido genérico com o termo em francês *ressentiment*. O primeiro diz respeito à emoção em si, enquanto o segundo se refere ao sentimento moral compartilhado por indivíduos que acreditam serem detentores de privilégios e que possuem o receio de perdê-los de alguma forma. Os autores seguem dialogando com a noção de moralidade em Nietzsche, já que o alemão defende que o pensamento judaico cristão provocou uma mudança de valores onde igualdade, altruísmo, humildade entre outros começam a ser valorizados pela moralidade cristã, mas que na visão nietzschiana corresponderiam à sinais de fraqueza, equivalendo à moral servil. Quando eles comparam com Scheler percebe-se uma diferença, já que para este o ressentimento é produzido por uma repressão da espontaneidade e da possibilidade de expressão. A diferença central entre um e outro está no elemento que une as visões de Scheler e Nietzsche, mesmo em geral elas sendo diferentes. Essa diferença é a vontade de agir e reaver o agravo do qual se fala. O ressentido seria aquele que não é capaz de superar um ultraje sofrido, e por conta disso, persevera em sua ruminação ressentida. Scheler exemplifica essa diferença de uma forma simples. Um animal selvagem que é preso por um caçador e o morde não está tentando se vingar, está apenas se defendendo. O sentimento de vingança aconteceria depois de haver terminado o agravo e a criatura seguisse pensando em agir contra aquele que o atacou. O ressentido, por sua vez, não será capaz de agir propriamente e colocar-se-á em uma posição de permanente vitimismo, como se o fato de ele não ter tido condições de se defender fosse culpa de um alter.

Neste sentido, a hipótese de Koenis (2018), já citado anteriormente, argumenta que a

6 Os termos serão mantidos em inglês e francês pela falta de termos na língua portuguesa que traduzam adequadamente essa diferenciação conceitual. Fassin (2013), também se vale desta diferenciação.

democracia com seu princípio da igualdade, seria uma das causas do *ressentiment*. Nesse sentido, esse sentimento moral, experimentado como *ressentiment* seria refratário à ideia de igualdade. Ure (2015), por sua vez, traz outros elementos para a existência deste tipo de ressentimento, como a identificação e compartilhamento das normas sociais e relacionamentos políticos, além da preocupação com a autoestima individual, a ideia de honra ferida e a necessidade de reconhecimento. Para o autor, entretanto, os agentes conseguem superar o ressentimento quando eles comunicam o que se sentem e sentem-se valorizados pelas políticas públicas, entendendo assim, que uma certa ordem normativa teria se estabelecido. Este fato poderia auxiliar a entender por que as redes sociais, e aqui está incluído o Twitter, são canais infundáveis para a manifestação das emoções sendo elas ressentidas ou não. Não obstante, o que se entende por *resentment* para Michael Ure (2015), possui uma função social, por caracterizar as injustiças sociais e o aviltamento da dignidade de uma dada população, ensejando a demanda pela restauração da igualdade de direitos. Dessa forma, nesta outra chave interpretativa, o ressentimento enquanto *resentment* também pode ser uma forma de clamor pela igualdade (Ure, 2015).

Para além desta distinção, o ressentimento também pode ser interpretado enquanto uma “frustração relativa”. Com efeito, para Gurr (1971), o sentimento de “frustração relativa” consiste em um estado de tensão entre uma satisfação esperada, mas não contemplada, o que pode gerar um grande descontentamento e mesmo irrupção de violência. Essas satisfações, para o autor, têm relação direta com o que o indivíduo entende como seu por direito em relação a sua condição e situação social. As expectativas adviriam de quatro fontes: condições passadas, ideais abstratos, padrões de um líder e grupos de referência. Essa lógica seria manifestada, portanto, por sentimentos como despeito, inveja, cólera e insatisfação e ela é relativa porque depende de estar inserida em uma lógica de comparação (Gurney & Tierney, 1982).

Boudon (1982), por sua vez, chama a atenção para o fato de que o sentimento de “frustração relativa” não é direcionado a qualquer um, mas sim para alguém que não esteja incluído no grupo de referência do qual fala Gurr. Para Boudon (1982), há mais um sentimento envolvido, chamado de *feasibility*⁷. É em razão deste sentimento que o sujeito pode sentir desconforto quando alguém de situação financeira similar ou pior consegue alguma conquista,

7 “Viabilidade” em tradução livre.

do que quando percebe alguém de situação financeira maior conseguindo outras conquistas, por sua vez, muito maiores. Nesse sentido pode-se admitir a existência de um sentimento de “frustração relativa” de parcelas importantes das classes médias no Brasil em relação aos governos petistas. É justamente a partir do sentimento de “frustração relativa” que há o espaço para o desenvolvimento de um ressentimento de classe. Bourdieu (2007a), por seu turno, identifica o ressentimento como fenômeno coletivo socialmente construído a partir do desencontro entre as expectativas de classe e a sua efetivação concreta. Em sua pesquisa, Bourdieu se deparou com um sentimento de desilusão compartilhado pelos estudantes franceses derivado do fato de se considerarem fadados a obter menos qualificações escolares do que teriam obtido os estudantes diplomados da geração anterior. A lacuna entre as expectativas dos estudantes formados (expectativas socialmente construídas) e as possibilidades concretas de realização efetiva destas expectativas concorria para a produção de um sentimento de “frustração relativa”. Esse sentimento de frustração compartilhado pelos estudantes daquela geração teria alimentado sua indignação catalisando a mobilização estudantil nos movimentos de protesto de maio de 68. Nesse aspecto, nos deparamos com um ressentimento que não se limita a uma ruminação passiva e rancorosa sobre as oportunidades perdidas, mas que se configura em uma forma ativa como um sentimento de indignação. Para Bourdieu (2007a), mudanças de natureza estrutural que se abatem, por exemplo, sobre toda uma dada geração podem acarretar uma diminuição das expectativas acerca do valor de seus títulos acadêmicos em relação à geração anterior. Essa deterioração estaria na base de um sentimento de desilusão compartilhado por uma geração que passa a nutrir um profundo ressentimento em relação às instituições, mormente ao sistema educacional. Esse tipo de atitude antissistema pode comportar até mesmo uma espécie de questionamento dos legitimidade da ordem social em tela e à cessação prática da adesão acrítica aos seus valores.

Já François Dubet (2020), relembra o entendimento de Tocqueville acerca do aumento da “frustração relativa” conforme diminuíssem as barreiras de classes na sociedade estadunidense, para reiterar o quanto as comparações têm lugar decisivo na “frustração relativa” e, portanto, na gênese do ressentimento. O autor traz como exemplo os adolescentes de uma escola que à primeira vista parecem todos iguais, mas quando questionados acerca da sua igualdade, evidenciam desigualdades e diferenças não perceptíveis em um primeiro momento,

mas que para eles são decisivas. Essas diferenças, em geral, têm relação com objetos de consumo, bem como quando são avaliadas outras situações como lugares de trabalho. A saída da “frustração relativa” individual para uma “frustração relativa” coletiva que desemboca em um ressentimento de classe está justamente em sentimentos comunitários que tem como base interesses comuns e que com identidades compartilhadas conseguem ir além em suas frustrações. Além disso, para Dubet (2020), a “frustração relativa” e o sentimento de injustiça só se tornarão ressentimento quando a narrativa social do momento não constrói para esse grupo algum sentido que norteie esses sentimentos.

O ressentimento como uma dimensão simbólica da desigualdade

Para autores como Kehl (2007), o ressentimento em sociedades como a brasileira nasceria a partir da promessa de uma igualdade que não se cumpre. O ressentimento para a autora também resultaria de uma constelação de sentimentos que faz o sujeito entender que os outros são responsáveis pelo mal que lhe aflige. Barbalet (1992) por sua vez entende o ressentimento como um sentimento experienciado pelos atores sociais quando algo lhes é negado como, por exemplo, status, oportunidades ou recursos materiais. Da mesma forma, Koenis (2018) atribui o ressentimento como uma consequência da democracia. O autor separa o conceito em três tipos. O “*elite-resentment*”, “*envy-resentment*” e “*disenchantment-resentment*”. O primeiro diz respeito a um sentimento desenvolvido no conflito de classes presente entre elite e as classes trabalhadoras. É um tipo de ressentimento que vai depender de como se dá o trabalho político propriamente dito das instituições de governo. Ele vai estar presente nos diferentes espectros políticos de um país, tendo seu aumento e diminuições em um grupo e outro dependendo do governo eleito. O segundo vai estar mais próximo do conceito desenvolvido por Nietzsche e Scheler, centrando-se na promessa de igualdade existente na forma democrática de governança e na sua comparação com a iniquidade e desigualdades presentes em cada país. Ele está diretamente ligado ao capitalismo e às exigências mercadológicas presentes nessa forma de pensamento econômico. O terceiro, segundo Koenis (2018), é uma forma endêmica de ressentimento manifestado a partir de questões culturais, estando relacionado aos processos de globalização e seus desdobramentos, tais como, o nacionalismo e a xenofobia.

Mas, os processos de mudança social, especialmente, quando podem implicar em uma diminuição das assimetrias de classe também podem se traduzir em “ressentimento de classe”, ou seja, nesse caso, a diminuição das desigualdades ao invés de ensejar a diminuição deste sentimento moral, provocaria o seu recrudescimento. Contrariamente, à posição sustentada por Kehl (2007), o “ressentimento de classe” estaria associado ao receio pela perda da distinção de status e diminuição das hierarquias sociais, mesmo que minimamente, decorrente das políticas redistributivas implementadas nos três governos do Partido dos Trabalhadores que se sucederam de 2002 à 2016. O ressentimento como um conjunto de sentimentos morais, parte, diversas vezes da noção de frustração relativa. Gethin e Morgan (2018) demonstram que durante os governos do presidente Luís Inácio Lula da Silva e da presidente Dilma Rousseff, as políticas de bem-estar social geraram uma melhoria nas condições de vida das camadas sociais mais empobrecidas da população. Nesse contexto, setores importantes das classes médias sentiram-se negligenciados e receosos de perder os seus privilégios em razão das políticas de bem-estar social e inclusão pelo consumo desenvolvida pelos governos petistas. Leal (2021), associa o surgimento de manifestações de cariz conservador nesse período à centralidade que as políticas sociais passaram a ocupar na primeira década dos anos 2000. Nesse contexto, as políticas redistributivas concorreram para que uma parcela importante da população tenha saído da extrema pobreza passando a ter acesso a serviços, direitos e espaços sociais anteriormente destinados apenas às camadas médias de maior renda. Em consequência, esses setores das classes médias descortinaram essas mudanças como uma ameaça aos seus privilégios de classe e estilo de vida. A melhoria das condições de vida da população mais vulnerabilizada e a ampliação, ainda que mínima, das condições de acesso ao consumo significou ao mesmo tempo uma “frustração relativa” para os setores mais abastados das classes médias, dado que não se sentiam contemplados pelas políticas públicas implementadas nesse período.

Estamos diante aqui da cristalização de uma contestação fortemente oposicionista por parte de significativas parcelas das camadas médias nutrida em alguma medida pela comparação em relação às camadas mais pauperizadas da população. Nesse sentido, segundo Cardoso e Préteicelle (2021, p. 232), a mobilização classista dos setores médios ruminava um ressentimento infenso e hostil à possível diminuição das hierarquias sociais. Somava-se a essa disposição de classe hierarquizante, uma visão cínica da política vertebrada por um discurso anticorrupção.

Nunes (2022), caracteriza esses setores das camadas médias como uma “baixa alta classe média”, ou seja, um estrato social com receio de enfrentar uma mobilidade social descendente. Ainda que sua renda concorria para posicionar esses setores nos estratos médios mais abastados, lhes faltariam os capitais cultural e social possuídos pelas classes superiores. Originários da ascensão social de primeira ou segunda geração, ou herdeiros de famílias abastadas que empobreceram, esses setores seriam muito suscetíveis às incertezas da economia e possíveis alterações no seu status e privilégios de classe. Segundo o autor, a sua condição de classe tornaria essas pessoas vulneráveis ao ressentimento em duas direções. Por um lado, elas se sentiriam frustradas em relação às elites políticas e suas conexões (e que se apresenta como uma rede exclusiva de favores e tráfico de influência), bem como às elites culturais que dominariam códigos que pareceriam inacessíveis para elas (e que se afiguram como meros símbolos de diferenciação social). Por outro lado, como já aludimos anteriormente, a chamada “baixa alta classe média”, também remoeria ressentimento em relação à ameaça de perder os próprios indicadores de diferenciação, como o acesso exclusivo a bens de consumo, como viagens internacionais, ingresso nos cursos de maior prestígio nas universidades públicas ou a disponibilidade de serviços como trabalho doméstico a baixo custo. Nesse caso, nos depararíamos com um tipo de ressentimento que não derivaria dos possíveis déficits de equalização das relações sociais, mas antes do receio de que as hierarquias sociais venham a se atenuar. Para além da dimensão classista, o ressentimento da “baixa alta classe média”, também seria indexado pelas categorias de gênero e raça ressoando a preocupação de que a prevalência de relações hierarquizadas tendo em vista, a princípio, a observância deste tríplice registro (classe, gênero e raça) viesse a perder sua força na reprodução cotidiana das hierarquias sociais em decorrência da expansão das políticas de redistribuição de renda e do advento das políticas de ação afirmativa no período em tela.

Alguns *tweets* selecionados servem para ilustrar as teorizações expostas acima:

“Deve-se educar o povo. Discurso social é bonito, mas inviável na prática. #SemMassaDeManobra #BoraTrabalhar”

“a guerra contra o marxismo cultural, gramscismo é infinita e não há vitória, exceto na morte, infelizmente”

“Essa esquerda tem que ir passar fome na Venezuela, Cuba.”

“o legado do PT é a grande dívida pública em prol de programas sociais. Tudo p/ garantir voto.”

“Quando você procura quem critica (bolsonaro), os perfis são: Viciado, Viado, Sapatona, Ladrão, Traficante, defensor de bandido.”

“se for professores q ensinam comunismo e socialismo, achando q isso é bom, merecem apanhar”

“pior merda q aconteceu no Brasil: fim da ditadura! Só baderneiro esquerdinha não gosta!”

“por um país melhor sou a favor do BRILHANTE tempo da ditadura, naquele período os vagabundos não tinha direito!!!”

“DIREITOS HUMANOS VEIO DO FUNDO DO INFERNO E AINDA ESTA FAZENDO NO BRASIL TODOS OS TIPOS DE ESPERIMENTOS DO MAU E DA DESGRAÇA.”

“Infelizmente como contribuinte nosso dinheiro está sendo empregado na desmoralização da família...”

“Esse gov gay e ainda temos que aceitar essa turma de anormais.”

“Esses inuteis, mamadores do dinheiro publicos, depois vêm falar de democracia e não ao preconceito”

“se preocupe c 60% da população que é pobre neste país, eles não pensam em LGBT, nem tão pouco em direita e esquerda, SÓ ISSO” (sic).

Torna-se inevitável considerar que os avanços do movimento feminista dos últimos anos, suscitam nos grupos conservadores, sentimentos de “frustração relativa” e ressentimento, já que as mulheres, embora ainda longe do ideal, conquistaram espaços nos mercados de trabalho que, anteriormente, eram predominantemente masculinos. Essa forma específica de manifestação do ressentimento, que destila misoginia aparece com clareza nos tweets como os que seguem abaixo⁸. Em sua página no Twitter ele publicou:

“essa mulher é uma tosca, mal amada...temos que falar a verdade, doa a quem doer! Mulher hipócrita”

“Ele falou a verdade eu também não teria coragem de estrupar ela. Essa feiura ta livre de um estropo”

8 Na ocasião, quando ainda exercia seu mandato de Deputado Federal, Jair Bolsonaro estava respondendo um processo administrativo na Câmara de Deputados, por quebra de decoro parlamentar por conta da ofensa dirigida à Deputada Federal Maria do Rosário do Partido dos Trabalhadores.

“Essa mulher deveria ser cassada...ela está ocupando um cargo político somente para defender os bandidos. #foramariadorosario”

“Esquerdalhas e feminazis podem se rasgar pq a vdd vai prevalecer. Bolsonaro ñ acoberta bandido como ela. #SomosTodosBolsonaro”; “mulheres mal-amadas, porcas, fracassadas etc...”

“Vai depilar o sovaco, nojenta!”; “Feminismo é doença. Basta ter um pouco de conhecimento de Freud pra entender os sintomas”

“vai lavar uma louça!!”.

Em outros momentos também é possível perceber a mesma lógica misógina nesse grupo: *“Antes de cair, a vaca renovou por mais 3 anos o envio de dinheiro ao comunismo cubano.”* A “vaca” em questão é obviamente a Presidente Dilma Rousseff, e o dinheiro diz respeito à empréstimos realizados pelo BNDS (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) durante os governos de Lula e Dilma e que foram direcionados a obras de infraestrutura em Cuba, Moçambique e Venezuela⁹. Dilma Rousseff pelo fato de ter sido a primeira mulher presidente do país, foi profundamente alvejada por comentários misóginos, machistas e ressentidos, tais como:

“uma tonta que depois vai reclamar por ganhar menos que um homem na mesma função”

“pode ver q ela vai assinar qualquer coisa vai da até o Brasil de graça essa anta nem ler sabe”

“Mulher miserável essa vaca!!!”

A misoginia é parte do repertório desses grupos sociais e tem relação intrínseca com o autoritarismo, o conservadorismo e com o ressentimento de classe. Bolsonaro é porta-voz de um pensamento que considera as mulheres algo menos que humano e indigno de respeito. Mas, isso é apenas um aspecto mais visível de uma mudança social mais profunda. Noutras palavras, nos referimos aos desdobramentos dos processos de modernização conservadora verificados nos últimos cinquenta anos na sociedade brasileira. Uma breve caracterização dessa mudança social indica a conjugação dos seguintes grandes processos de transformação social que redefinem, a largos traços, dos contornos do Brasil: a) a desindustrialização da economia brasileira com o concomitante crescimento da importância econômica do agronegócio na composição do Produto Interno

9 Notícia completa aqui: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/04/04/venezuela-cuba-e-mocambique-devem-mais-de-r-2-bilhoes-ao-bndes.ghtml>

Bruto do país; b) um desenfreado e caótico processo de urbanização acompanhado da degradação das condições de vida de significativas parcelas da população brasileira que habita as periferias das grandes metrópoles do país e que traz consigo um incremento da violência urbana nessas regiões; e, c) um notável crescimento das denominações religiosas pentecostais, especialmente, nas periferias das grandes cidades propondo novas eticidades e hierarquias morais através das teodicéias pregadas para as populações que se encontram em situação de vulnerabilidade social. A repercussão política do imbricamento desses processos vem se traduzindo nos parlamentos estaduais, bem como no Congresso Nacional no fortalecimento, via sucessivas eleições, da composição de bancadas legislativas de cariz conservador identificadas através do acrônimo “BBB” que significa “Bíblia, Boi e Bala” e que encontram sua razão de ser na defesa de agenda política regressiva e infensa à defesa dos direitos humanos (Gracino Jr., Goulart & Frias, 2021; Lapper, 2021).

Entretanto, é preciso dissecar um pouco mais as causas que fazem que indivíduos e grupos sociais acumulem ressentimento. Para tanto, iremos nos valer do conceito de sociodicéia formulado por Bourdieu (2007b). Segundo Denord (2020), Bourdieu se vale da noção de sociodicéia para qualificar conceitualmente um conjunto de discursos que justificam a persistência da dominação e a prevalência das desigualdades sociais¹⁰. Com efeito, a função das sociodicéias seria naturalizar e consagrar os privilégios daqueles que estão situados nas posições superiores da estrutura de estratificação social, e que podemos chamar de dominantes. Trata-se de justificar o sucesso, a felicidade, a bem-aventurança dos dominantes e o fracasso, desgraça, a desventura dos que ocupam as posições subalternas na estrutura de classes. No mundo social, outras instituições além das religiões, também produzem racionalizações da mesma espécie. Exemplar, nesse sentido, é o papel desempenhado pelo sistema de ensino em geral e pela instituição escolar em particular através da difusão da ideologia da meritocracia que inclusive pode fomentar o que Bourdieu (1983) denomina como uma nova forma de racismo, qual seja, o “racismo da inteligência”, que justifica para as classes superiores sua dominação como algo que faz parte da ordem natural das coisas

¹⁰ Em substituição ao conceito de ideologia mais adequado para descrever um discurso mais homogêneo e unificado, o conceito de sociodicéia foi inspirado nos “Ensaio sobre Teodicéia” de Leibniz e na sociologia de Max Weber que mobiliza o conceito de teodicéia para compreender a ação social e as diferenças de status social existentes no mundo a partir da obtenção ou perda da crença na graça divina, como observado anteriormente (Bourdieu, 2007b).

e, por consequência, o acesso aos privilégios de classe inerentes a essa condição hierárquica.

De outro modo, a sociodicéia conservadora compartilhada por segmentos significativos das camadas médias no Brasil ao favorecer a crença na naturalidade de sua posição de classe, favorece também a reprodução das hierarquias axiológicas que autorizam e chancelam preconceitos indexados pela classe social, pelo gênero e pela raça. Nesse sentido, o conceito de sociodicéia possui enorme valor explicativo para fundamentar o nexos relacionado à moralidade que subjaz ao conceito de sentimentos morais, dado que é capaz de contemplar as hierarquias de valor socialmente produzidas e ancoradas nas visões de mundo. Nesse aspecto, o ressentimento enquanto um sentimento moral deve estar de alguma forma referido a uma hierarquia axiológica para poder servir de parâmetro para todo tipo de comparação suscetível de gerar insatisfação e/ou um sentimento de injustiça baseado na crença de que status e privilégios de classe, tidos e acumulados ao longo do tempo e por gerações, e que correm o risco de desaparecer por conta do advento de uma mudança de ordem socioeconômica. Ademais, pode-se ainda inferir que essa sociodicéia conservadora e sua respectiva hierarquia axiológica é plasmada interseccionalmente ao destilar preconceitos de classe, gênero e raça nas postagens disseminadas na rede social virtual. Não obstante, para que uma perspectiva interseccional contenha alguma capacidade explicativa dos processos de produção e reprodução das hierarquias de valor que geram o preconceito, bem como das desigualdades indexadas pelas categorias de classe, gênero e raça seria necessário contemplar a distinção analítica entre a experiência individual dos atores, ou seja, sua agentividade e a estrutura social geradora das desigualdades evitando-se, portanto, a confluência entre as duas dimensões (Clegg, 2016; Campos, 2017).

Considerações finais

Conforme o exposto, o ressentimento, enquanto um sentimento moral, consiste em um afeto que conjuga uma emoção reativa com uma hierarquia de valor que encontra na doxa de sociodicéia conservadora uma justificativa permeada de ressentimento acerca dos males que se abatem sobre uma dada sociedade. A culpa por todos os agravos sociais encontra nos grupos marginais, *outsiders*, conforme a formulação de Elias e Scotson (2000), um bode expiatório que na outra classe que retira algo que seria dessa outra “de direito”. No contexto brasileiro, entra em questão a perda de exclusividade

de certos “privilégios” conquistados pelas classes subalternas durante os governos petistas. São essas pequenas conquistas que despertam, uma não tão adormecida assim, ruminação rancorosa e moralista, que se disfarça de luta contra a corrupção entre outros discursos utilizados para justificar o ressentimento de classe existente.

Por fim, também é preciso considerar o quando o modo de produção capitalista influencia na produção do ressentimento nas sociedades atuais, já que ao mesmo tempo ele produz um hiperconsumo, a comodificação das relações sociais, e uma ideia de individualidade e autonomia que faz com que o sujeito não apenas desconsidere o outro na sua construção subjetiva, como também produz um certo laço perverso, onde o outro ocupa lugar de gozo, e caso não possa estar nesse lugar, produz-se a necessidade de eliminar como um inimigo. O ressentimento, portanto, aparece como um sintoma social que ignora o outro como sujeito de direitos, e que trata o diferente como um inimigo a ser eliminado.

Referências bibliográficas

- Aminzade, R. & McAdam, D. (2001). Emotions and Contentious Politics. In: R. Aminzade, J. A. Goldstone, D. Mcadam, E. J. Perry, W. H. Sewell, Jr., S. Tarrow, & C. Tilly (Eds.) *Silence and voice in the study of contentious politics*. Cambridge University Press.
- Barbalet, J. M. (1998). *Emoção, teoria social e estrutura social: uma abordagem macrosocial*. Instituto Piaget.
- Barbalet, J.M. (1992). *A Macro Sociology of Emotion: Class Resentment*. *Sociological Theory*, 10(2), 150-163.
- Bennett, W. L. & Segerberg, A. (2013). *The logic of connective action: Digital media and the personalization of contentious politics*. Cambridge University Press.
- Boudon, R. (1982). *The unintended consequences of social action*. The Macmillan Press.
- Bourdieu, P. (1983). Racismo da inteligência. In: Bourdieu, P. *Questões de sociologia*. (pp. 205-208). Marco Zero
- Bourdieu, P. (2007a). *A distinção: Crítica social do julgamento*. Zouk.
- Bourdieu, P. (2007b). Gênese e estrutura do campo religioso. In: Miceli, S. (Org.). *A economia das trocas simbólicas* (pp. 27-78). Perspectiva.
- Campos, L. A. (2017). Racismo em três dimensões. Uma abordagem realista-crítica. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 32, nº. 95, pp. 01-19.
- Cardoso, A. M. & Préteceille, E. (2021). *Classes médias no Brasil. Estrutura, mobilidade social e ação política*. Ed. da UFRJ.
- Clarke, S.; Hoggett, P. & Thompson, S. (Eds.) (2006). *Emotion, Politics and Society*. Palgrave Macmillan.
- Clegg, S. (2016). Agency and ontology within intersectional analysis: A critical realist contribution. *Journal of Critical Realism*, 15(5): 494-510.
- Collins, R. (2004). *Interaction Ritual Chains*. Princeton University Press.
- Deleuze, G. (1976). *Nietzsche e a filosofia*. Editora Rio.
- Demertzis, N. (2020). *The Political Sociology of Emotions. Essays on the trauma and resentment*. Routledge.
- Denord, F. (2020). Sociodicée. In: SAPIRO, G. (Dir.). *Dictionnaire International Bourdieu*. CNRS Éditions.
- Durkheim, É. (1996). *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Martins Fontes.
- Dubet, F. (2020). *O tempo das paixões tristes*. Vestígio.
- Elias, N. (1997). *Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Jorge Zahar Editor.
- Elias, N. (2000). *The Civilizing Process: Sociogenetic and Psychogenetic Investigations*, revised edition. Blackwell.
- Elias, N. (2010). Le concept freudien de société et au-delà. In: ELIAS, Nobert. *Au-delà de Freud: sociologie, psychologie, psychanalyse*. Éditions la Découverte.
- Elias, N. & Scotson, J. L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Zahar Editor.
- Fantini, B., Moruno, D. & Moscoso, J. (2013). *On Resentment: past and present*. Cambridge Scholars Publishing, UK.
- Fassin, D. (2013). On Resentment and Ressentiment. The politics and ethics of moral emotions. *Current Anthropology*, Chicago, Vol. 54, nº. 3, 249-267.
- Gethin, A., & Morgan, M. (2018). Brazil Divided: Hindsight on the growing politicization of inequality. *Word Inequality Lab*.
- Goffman, Er. (2011). *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Goodwin, J., Jasper, J. M. & Polletta, F. (Eds.) (2001). *Passionate Politics: Emotions and Social Movements*. University of Chicago Press.
- Gracino Jr., P., Goulart, M. & Frias, P. (2021). “Os humilhados serão exaltados”: ressentimento e

- adesão evangélica ao bolsonarismo. *Cadernos Metrópole*, Vol. 23, nº. 51, 547-579.
- Gurr, T. R. (1971). *Why men rebel*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Huang, R. (2018). RQDA: R-based Qualitative Data Analysis. R package version 0.3-1. Disponível em: <http://rqda.r-forge.r-project.org>.
- Hochschild, A. R. (1983). *The Managed Heart: The Commercialization of Human Feeling*. The University of California Press.
- Illouz, E. (2007). *Cold Intimacies*. The Making of Emotional Capitalism. Polity Press.
- Jacobsen, M. H. (2022). Goffman and the emotions. Timely reflections on Erving Goffman as 'emotion theorist'. In: Jacobsen, M. H. & Smith, G. (Eds.). *The Routledge International Handbook of Goffman Studies*. Routledge.
- Kehl, M. R. (2007). *Ressentimento*. Casa do Psicólogo.
- Kemper, T. D. (1978). *A Social Interactional Theory of Emotions*. New York: John Wiley & Sons.
- Koenis, S. (2018). Democracy and Resentment. In: TUINRM, S. van (Ed.). *The Polemics of Resentment: Variations on Nietzsche*. London: Bloomsbury Publishing.
- Koury, M. G. P. (2003). *Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Koury, M. G. P. (2014). *Estilos de vida e individualidade. Escritos em Antropologia e Sociologia das Emoções*. Editora Appris.
- Lapper, R. (2021). *Beef, Bible and Bullets. Brazil in the age of Bolsonaro*. Manchester University Press.
- Leal, J. M. (2021). *Classes médias brasileiras, (des) ordem e conflito no Brasil contemporâneo*. Editorara Dialética.
- Lynch, C. & Cassimiro, P. H. (2022). *O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo*. Contracorrente.
- Marshall, T. H. (1938). *Cidadania, classe social e status*. Zahar.
- Mutzer, B. N. & Musolf, G. R. (2002). Resentment and Ressentiment. *Sociological Inquiry*, Vol. 72, nº 2, 240-55.
- Nietzsche, F. (1886/2003). *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. Companhia das Letras.
- Nietzsche, F. (1887/1998). *Genealogia da Moral*. Companhia das Letras.
- Nunes, R. (2022). *Do transe à vertigem. Ensaio sobre o bolsonarismo e um mundo em transição*. Ubu Editora.
- Ost, D. (2004). Politics as the Mobilization of Anger. Emotions in Movements and in Power. *European Journal of Social Theory*, 7(2): 229–244.
- Parsons, T. (1999). *El Sistema Social*. Alianza Editorial.
- Renault, E. (2004). *L'expérience de l'injustice*. Reconnaissance et clinique de l'injustice. La Découverte.
- Runciman, W. G. (1966). *Relative Deprivation and Social Justice. A Study of Attitudes to Social Inequality in Twentieth-Century England*. Routledge & Kegan Paul.
- Scheff, T. J. (1990). *Microsociology. Discourse, Emotion, and Social Structure*. The University of Chicago Press.
- Scheler, M. (1993). *El resentimiento en la moral*. Caparrós.
- Scribano, A. (Comp.) (2013). *Teoría social, cuerpos y emociones*. Estudos Sociológicos Editora.
- Scribano, A. (2020). *Love as a collective action: Latin America, emotions and interstitial practices*. Routledge.
- Simmel, G. (1978). *The Philosophy of Money*. Routledge.
- Tuinen, S. van (2011). *The Polemics of Resentment: Variations on Nietzsche*. Bloomsbury Academy.
- Turner, B. S. (2014). Norbert Elias and the Sociology of Resentment. In: Lemmings, D. & Brooks, A. (Eds.). *Emotions and Social Change. Historical and Sociological Perspectives*. Routledge.
- Turner, J. H. & Stets, J. E. (2005). Conceptualizing Emotions Sociologically. In Turner, J. H. & Stets, Jan E. *The sociology of emotions*. Cambridge University Press.
- Ure, M. V. (2015). Resentment/Ressentiment. *Constellations*, Vol 22, nº. 4, pp. 599-613.
- Van Djick, J.; Poell, T. & Waal, M. (2018). *The platform society: Public Values in a connective world*. Oxford University Press.
- Von Scheve, C. (2014). *Emotion and Social Structures: The Affective Foundations of Social Order*. Routledge.
- Weber, M. (2008). *Economía y Sociedad*. Fondo de Cultura Económica.
- Wouters, C. (2007). *Informalization: Manners and Emotions Since 1890*. Sage.

Citado. Agnoletto, Bharbara Alves y Mayer, Ricardo (2024) "Por uma sociologia política das emoções: ressentimento e protesto social conservador no Brasil" en Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad - RELACES, N°44. Año 16. Abril 2024-Julio 2024. Córdoba. ISSN 18528759. pp. 70-82. Disponible en: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/issue/view/613>

Plazos. Recibido: 28/11/2023. Aceptado: 13/02/2024.